

Blumenau em cadernos

TOMO XXIX

Julho de 1988

N.º 7

Pequena crônica de antepassados

Em meados do século passado a Alemanha vivia um período de instabilidade política e econômica, reflexo da crise européia de 1848. Em decorrência dessa situação de intranquilidade social, muitos trabalhadores, artesãos e agricultores preocupavam-se com as incertezas do futuro. Buscando uma saída, concluíram que o caminho a seguir seria a emigração para novas terras. As Américas figuravam como países promissores, com seus imensos recursos naturais, onde tudo estava por fazer, necessitando de braços para explorá-la e povoá-la. Assim, por essa época, foram criadas na Alemanha diversas companhias de colonização.

O Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, nascido em 1819 em Hasselfelde, engajou-se nessa aventura. Jovem farmacêutico, idealista e homem de iniciativas, foi para Londres em 1843 onde ficou conhecendo Johann Jakob Sturtz, que entre outros encargos, dedicava-se a contratar imigrantes para o Brasil, atividade que despertou o interesse do Dr. Blumenau. De volta à Alemanha, difundiu um folheto, em 1846, versando sobre a emigração e colonização alemã.

Nesse ano embarcou para o Brasil como representante da "Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães no Sul do Brasil", órgão de uma companhia de colonização com sede em Hamburgo. No Rio de Janeiro apresentou planos de colonização ao Governo Imperial do Brasil e no sul visitou colônias de imigrantes alemães em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Em fins de 1847 associou-se a seu patrício Ferdinand Hackradt, a quem conhecera no Rio de Janeiro, planejando percorrer a região do vale do rio Itajaí, tendo em mira a possibilidade de ali instalar um plano de colonização, por conta e risco próprios em plena selva.

Começaram, em 1850, por adquirir terras às margens do Itajaí, num total de 155.000 jeiras. Hackradt dá início ao desmatamento e à construção de serra-rria e alojamentos destinados aos futuros imigrantes pioneiros. O Dr. Blumenau embarca para a Alemanha em 1849, conseguindo a contratação dos primeiros 17 imigrantes destinados à nova colônia.

Voltando ao Brasil, encontrou os trabalhos iniciais muito mal encaminhados, o que ocasionou a retirada de seu sócio, tornando-se Blumenau, a partir de fins de 1850, o único proprietário e dirigente do empreendimento.

A 2 de setembro desse ano chegam à Colônia os 17 primeiros imigrantes. Em 1851 foi ele ao Rio de Janeiro, conseguindo do Governo Imperial o empréstimo de 10 contos de réis para custeio e assentamento da Colônia.

Transcrevemos, aqui, trecho do livro "Südbrasilien" de J. Hörmeyer, publicado em Hamburgo em 1857:

"Depois de ter dedicado grande parte de seu tempo em incentivar a emigração alemã, repentinamente se viu abandonado por tudo e quase todos, mas não perdeu a coragem de, por iniciativa

própria, continuar o empreendimento, sacrificando quase todas as suas posses, cerca de 10.000 thaler, para a fundação de sua Colônia. No ano de 1850, Dr. Blumenau adquiriu no alto do Rio Itajaí, acima da mais antiga colônia alemã, uma faixa de terra junto ao Ribeirão da Velha. Recebeu então do Governo Provincial nova área que no total perfazia cerca de 10 léguas quadradas, ou como ele mesmo disse: 155.000 morgens prussianos, que agora perfazem 350.000 morgens. O local da escolha não podia ser mais feliz. O clima da Província era excelente; a Colônia estava localizada favoravelmente próxima ao porto na barra do rio, facilitando a comercialização com Santa Catarina (Desterro) e Rio de Janeiro que podia ser alcançado em 36 horas."

Para complementar os custos da colonização, conseguiu também o Dr. Blumenau o empréstimo de particulares ao qual juntou a herança recebida pelo falecimento de seu progenitor, no valor de 48.000 marcos. Assim pôde dar continuidade à obra iniciada, pois, em 1851 chegaram mais 8 imigrantes, alcançando em 1852 o total de 110 colonos, o que veio consolidar o plano inicial de colonização.

As terras foram distribuídas ao preço simbólico de 10 mil réis por área aos pioneiros, quantia que cobria apenas os custos de demarcação em plena floresta virgem.

Cessado o tráfico de escravos em 1850 ao Brasil, a imigração de colonos alemães se intensifica, alcançando um contingente anual de 2.000 pessoas entre 1856 e 1862. Em 1900 o "Urwaldsbote



Jakob Schmidt, pai de Maria Bürger

Kalender" estampava um artigo do Sr. Richard Hinsch, assim resumido: "Quando há 50 anos passados, os primeiros colonos fizeram sua entrada silenciosa em Blumenau, não encontraram nada mais que uma agressiva e inóspita floresta virgem. As grandes árvores foram derrubadas e queimadas. O plantio é feito com o uso da enxada que é a única ferramenta que o imigrante possui. O preparo de uma roça é o sistema mais primitivo e rudimentar e representa o maior e mais condenável desmatamento conhecido."

A selva era povoada de mosquitos, cobras, animais e aves selvagens. De vez em quando os índios faziam incursões predadoras, de surpresa. Para alcançarem as

terras que lhes foram destinadas ou por eles escolhidas, abriam os colonos picadas através da selva. Depois da primeira derrubada da mata, construíam uma habitação primitiva, geralmente aproveitando os troncos e folhas das palmeiras, ampliando a picada para possibilitar a mudança e a instalação definitiva da colônia. Mais tarde procuravam transformar essa picada num caminho precário com a ajuda dos vizinhos em mutirão.

Em 18 de julho de 1856 embarcava em Hamburgo, no navio "Fortuna", com destino a Blumenau, August Alexander Bürger, nascido na Alemanha em 1817, em companhia da família, composta da esposa Friederike Ernstine Louise (nata Koch), e 4 filhos, oriundos da cidade alemã de Görlitz. Poucos meses após sua chegada ao Brasil, escreveu a seus amigos dessa cidade a seguinte carta:

"Colônia Blumenau, 19 de janeiro de 1857 — Prezados Amigos! — Primeiramente envio a todos vocês nossa cordial felicitação para o Ano Novo e o desejo que estas linhas os encontrem num agradável bem-estar como do mesmo modo conosco acontece. Nós chegamos aqui felizes, apesar de uma viagem bastante longa; todavia, temos a lastimar a perda de um dos filhos, nosso pequeno Heinrich, da idade de 4 meses, no dia 23 de agosto, que o amado Deus levou para si, quando nos encontrávamos em frente à Ilha da Madeira.

Aos 18 de julho passamos em-

barcamos no porto de Hamburgo no navio "Fortuna", sob o comando do Capitão Burgdorf. Os tripulantes do navio, além do capitão e do piloto, consistia de 4 marinheiros e o cozinheiro. O número de passageiros era ao todo de 33 pessoas, entre os quais, fora eu, minha mulher e os 4 filhos: o construtor Meher e o pedreiro Lintner, ambos de Görlitz, juntamente com suas famílias, assim como o agricultor Richterwiss, de Waldau, com a mulher e 5 filhos. Dos demais passageiros, a maioria era da Pomerânia e de Mecklenburgo. Até 20 de julho, por causa de ventos desfavoráveis, nós ficamos parados em frente de Altona, até que o navio "Pilot" nos rebocou por 3 milhas aproximadamente, navegando pelo Rio Elba abaixo, ficando novamente um dia parados, alcançando a cidade no dia 22. Um dia depois o Capitão veio de Hamburgo para o "Fortuna" em navio a vapor e no dia 24, às 2 horas da madrugada, com ventos favoráveis, o "Fortuna" levantou as âncoras para a partida.

Às 10 horas da manhã nós passamos por Kurhafen e logo nos encontramos em mar aberto, afastados de toda terra. Às 3 horas da tarde avistamos a Ilha de Helgoland, nas proximidades da qual forte vendaval com tempestade nos surpreendeu e nos desviou consideravelmente de nossa rota. Somente perto das 8 horas da noite conseguimos atingir o lado direito da ilha, cuja visão era muito bonita. O mar tinha se tornado novamente calmo; só

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

alguns relâmpagos iluminavam de quando em quando o firmamento, ocasião em que o farol e as casas sobressaíam magnificamente. Aqui os passageiros tiveram os primeiros sintomas de enjôo, que eu e minha família pouco sentimos, como as demais pessoas pelo resto da viagem.

Nossa alimentação era farta e boa; de manhã era servido o café e à noite o chá. No almoço, 4 dias por semana, havia carne bovina e nos outros dias, carne suína com legumes. Aos sábados o cardápio era diferente, onde cada pessoa recebia 2 arenques com risoto, o que logo se tornou o prato favorito de todos. Nesse dia havia também a distribuição de gêneros alimentícios para a próxima semana, cabendo para cada pessoa, entre outros: 5 libras de pão; 14 "Loth" de manteiga e 8 "Loth" de açúcar, vinagre e sal.

Nosso Capitão, que era um grande amigo das crianças, divertia-se freqüentemente à noite com os pequenos. Praticavam-se diversos jogos, e às vezes também se cantava e tocava, visto que alguns dos passageiros possuíam talento musical.

As vezes, durante as calmarias que nos atribulava com freqüência, também se pescava e apanhávamos uma espécie de peixes chiadores, que possuem barbatanas, providos de longos espinhos ameaçadores com os quais se defendem.

Na madrugada do dia 2 de agosto ao Canal de onde se avistava a costa da Inglaterra com seus rochedos calcários providos de faróis, juntamente com grande número de navios. Somente no dia 4 de agosto perdemos de vista totalmente a costa da Inglaterra.



Brasão da cidade de Górlitz
na Alemanha

ra. Um tubarão, um verdadeiro monstro de 90 pés aproximadamente, perfazendo todo o comprimento de nosso navio, chamou nossa atenção quando se aproximou do seu costado.

Com ventos nem sempre favoráveis, chegamos na tarde de 23 de agosto perto da Ilha da Madeira, no Oceano Atlântico. Nesse dia faleceu o nosso filho caçula, como eu mencionei anteriormente, o qual tivemos de deitá-lo ao mar no dia seguinte.

Do dia 25 de agosto até 3 de setembro tivemos um tempo agradável e um vento propício à navegação. Nesses dias vinham ao nosso encontro, cardumes de peixes-voadores, que se contavam aos milhares, muitos dos quais caíam no convés do navio. Como estamos nos aproximando da Linha do Equador, foram colocadas bolsas de vento no convés intermediário para que sempre circu-

lasse ar fresco. Nesta ocasião cruzamos com diversos navios. Durante as sucessivas chuvas, aproveitamos para colher água potável. No dia 19 de agosto tivemos tempo límpido e bonito; entretanto estava tão frio que vários passageiros precisaram vestir roupas de inverno. Na noite desse mesmo dia cruzamos o Equador. Essa passagem festiva foi comemorada no dia 20 com a cerimônia do "Batismo do Navio", segundo o costume tradicional. O Piloto fazia o papel de Netuno e o marinheiro mais idoso representava o seu barbeiro. Os demais marinheiros cruzavam a Linha do Equador pela primeira vez, e eles, como a maioria dos passageiros, receberam o "batismo" com água do mar. Após o término dessa cerimônia, o Capitão distribuiu algumas garrafas de vinho, e à noite nos divertimos com música e cantos no convés.

Vários dias depois, passou por nós uma embarcação sueca e outra americana; este último era um excelente velejador, pois logo nos deixou para trás. No dia 30 avistamos a alguma distância de nós, 2 baleias, muitos peixes pequenos e cardumes de "peixe-porquinho", que já havíamos visto durante a viagem, com certa frequência. Também avistamos um segundo tubarão de tamanho médio.

Após vários dias de calma, no dia 4 de setembro começou a soprar uma brisa favorável, de modo que pudemos percorrer 8-9 milhas por "vigia". A "vigia" é a unidade de tempo pela qual tudo é calculado no navio; corresponde a um período de 4 horas seguidas, exercidas pelos marinheiros em serviço, após o que lhes é dada uma folga.

O vento a nosso favor, era agora constante e só foi interrompido pela ocorrência de um vendaval seguido de tempestade passageira. No dia 13, às 9 horas da manhã, avistei ao longe uma fraca faixa azul, e, um pouco mais tarde, um segundo ponto no horizonte, que através de minha pequena luneta, acreditei estar vendo o perfil de montanhas ao longe. Na ocasião a equipagem estava ocupada em armazenar água no convés, quando, ao ouvirem meu entusiástico grito: terra, terra, ficaram todos imóveis olhando para a direção apontada. O Capitão e o Piloto subiram aos mastros e assestaram seus binóculos; todavia acharam que não se tratava de terra firme e nos impeliram a terminar o baldeamento da água potável. Seguindo a viagem, em pouco tempo os pontos no horizonte iam se tornando mais nítidos e logo não restavam dúvidas de que eu havia avistado a costa, e que as montanhas brasileiras estavam diante de nós. Com a previsão de termos em terra melhor água para beber, ficou suspensa sua baldeação para o convés, e, às 4 horas da tarde, tivemos realmente a alegria de passar por entre as montanhas avistadas. Grandes aves aquáticas, gaivotas e albatrozes, e uma tartaruga enorme, de 5 a 6 pés de comprimento, foram por nós avistadas. Nós adentramos uma milha na baía de Santa Catarina (Desterro-Florianópolis), ancorando em seguida. Fazia uma noite esplêndida; a lua cheia iluminava as altas montanhas situadas dos dois lados, bem como as pequenas habitações ribeirinhas; na água cintilavam milhares de pontos dourados dos moluscos.

Ac romper da manhã do dia

seguinte, procuramos com ansiedade por um Piloto-Prático para conduzir o navio ao porto, mas não encontramos nenhum. Finalmente nosso Piloto, em companhia de 3 marinheiros, foram de escaler para terra com o intuito de contratar um desses pilotos-práticos. Ao chegarem ao Posto de Serviço foram informados de que julgaram que o navio não necessitava de Prático por não ter seu Capitão hasteado a bandeira de pilotagem, e tratar-se de parada para simples pescaria. Ao invés do Prático, nossos marinheiros trouxeram flores de grande esplendor e enormes cactus, cujos caules ultrapassavam a estatura de um homem. Finalmente à tarde, decidimos entrar no porto de Santa Catarina sem os pilotos-práticos, mas, durante o trajeto fomos apanhados por um vendaval com forte chuva encharcando tudo a bordo. Logo após haver-mos chegado ao porto, uma embarcação conduzindo a Comissão de Investigação aproximou-se de nosso navio. Todos os passageiros, sem exceção, tiveram que se apresentar no convés para serem identificados e contados. Em seguida o Capitão Burgdorf foi com esses senhores para a cidade; enquanto isso, chegou ao navio um Fiscal da Alfândega que permaneceu a bordo enquanto durou a permanência no porto.

Nosso Capitão retornou à noite juntamente com os marinheiros que o acompanharam, os quais trouxeram os presentes ganhos dos membros da Comissão de Investigação, consistentes de excelente carne fresca bovina, grandes cabeças de repolho, melancias, cebolas, bananas e outras frutas que saboreamos com prazer.

Na noite seguinte, houve uma borrasca tão violenta que nós nos consideramos felizes e com a sorte de estarmos ancorados no porto. O Capitão não conseguiu voltar ao navio nessa noite, e nós fomos obrigados a lançar a segunda âncora para manter a embarcação segura. Quando no dia 16 de setembro os marinheiros foram à cidade para fazer compra de alimentos frescos, eles não puderam regressar ao "Fortuna" por causa de nova tempestade que os reteve no local. Quando começou escurecer, a tempestade amainou um pouco, o que fez que tentassem se aproximar do navio, em companhia do Capitão, mas a tempestade tornou-se novamente violenta e as grandes ondas lançaram o bote em que se encontravam, em lugar bem distante do "Fortuna". O Capitão deu ordens para arriar do navio o grande escaler, para ir em seu socorro, operação que foi feita com presteza, lançando um comprido cabo de um barco a outro. Felizmente o transbordo foi feito a tempo para o barco maior, pois o risco de afundamento de onde se encontravam aumentava a todo instante devido à violência das ondas.

No dia seguinte, veio ao "Fortuna" a Comissão Alfandegária e depois que nossas bagagens foram examinadas, nos dirigimos para terra. Na cidade fiquei sabendo que o serralheiro Pinger, de Görlitz, se estabelecera em Santa Catarina. Nós o procuramos em sua nova moradia, e tanto quanto nossa curta permanência permitiu, eu e Ernst Maher demos nossa ajuda na organização de sua forjaria; nosso patricio tem muitas encomendas e seu trabalho é muito bem pago. Pinger e sua família nos levou à cidade,

onde ficamos admirados com os belos jardins que continham belas roseiras, mirtos e cactus. Uma grande surpresa preparou-nos Pinger quando nos levou a um local onde encontramos o terceiro görlieense, o mestre-cervejeiro Thobias, que, em sociedade com um cervejeiro de "Landshutschlesien", estabeleceu aqui uma cervejaria, motivando esse encontro grande contentamento entre todos.

Ao desembarcar, as mulheres e filhos dos passageiros ficaram admirados com as muitas raças humanas que aqui vivem. Coexistem pessoas de tez branca, morena, até o mais belo preto-éban, geralmente todos bem vestidos.

Depois de 3 dias de permanência em Santa Catarina (Desterro), um navio de guerra nos transportou em 18 horas até a Barra (Foz) do Itajaí. Usualmente viaja-se em seguida pelo Rio Itajaí acima, até Blumenau, mas como o navio não tinha suficiente provisão de carvão, baldeamos para uma embarcação de navegação costeira que em 4 dias nos trouxe a Blumenau, onde chegamos no dia 27 de setembro de 1856 à noite, ao fim de nossa viagem e alívio de nossa nova Pátria. A referida embarcação era no entanto muito pequena; não se podia cozinhar a bordo, e assim ao meio-dia e à noite desembarcávamos para em terra preparar nossas refeições e procurar alojamento nas casas dos habitantes da região para o pernoite. Nós fomos acolhidos pelos brasileiros muito hospitaleiramente, e lamentávamos não sermos capazes de falar sua língua para exprimir-lhes nossa gratidão. Os pretos, designados escravos apenas formalmente, traziam-nos bananas e belas flores enviadas por seus senhores. Eles eram

particularmente simpáticos às crianças e procuravam descobrir os seus nomes, dentre os quais, o de minha filha, Marie, lhes era mais compreensível e familiar, por causa do culto à Virgem Maria de sua religião católica.

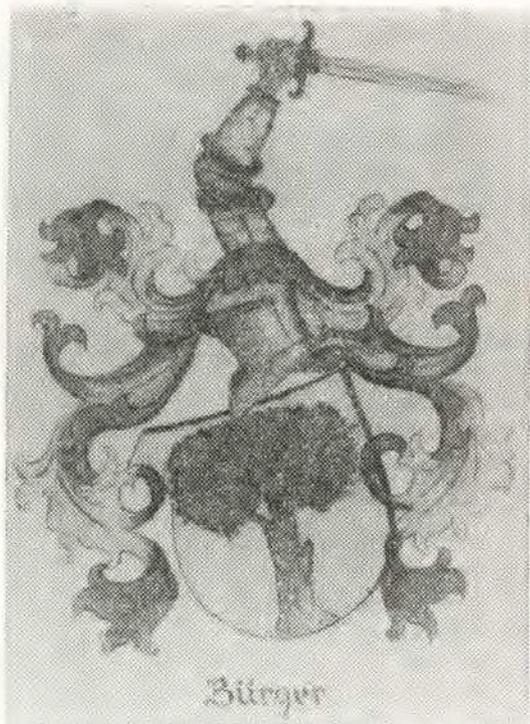
Em Santa Catarina notei negros mui elegantemente vestidos, portando relógios com correntes de ouro, assim como negras com os mais belos vestidos de seda. Na maioria possuem eles total liberdade pessoal; só à noite precisam se apresentar ao seu senhorio e entregar-lhe uma parte do dinheiro ganho em trabalhos avulsos no campo, para os quais são muito procurados.

De Santa Catarina até Blumenau não tivemos mais nenhuma despesa; Weher ficou por lá mesmo; nossa bagagem chegou em bom estado e ficou com nós na cidade. Entrementes, no dia 29 de setembro, me dirigi à Colônia para tomar conhecimento e informar-me das condições locais. Logo localizei uma área que achei favorável, decidindo comprá-la. A terra era melhor que a da cidade, a posição da Colônia, mais bonita e mais protegida das enchentes; também os terrenos consideravelmente mais baratos. Compramos uma área de 118 "morgens", assim distribuídos: um certo Sr. Busch, de Dassau/Stettin ficou com 100 "morgens"; Krause, Lindner e eu, ficamos com 6 "morgens" cada um. Pagamos 3 mil réis por cada "morgen"; o mil réis é igual a 25 "Sgr.", conforme a moeda prussiana, portanto igual a 2,5 "Thaler". Dos 6 "morgens" por mim adquiridos, eu desmastei 3, o que foi uma tarefa fatigante, porém espero que valerá o esforço. Na Alemanha provavelmente eu jamais chega-

ria a possuir 3 "morgens" de terra. O imposto é pago uma única vez e vale para sempre, importando em cerca de 3 "Sgr.", portanto, tanto quanto custa esta folha de papel na qual estou escrevendo, visto que, diga-se de passagem, o papel aqui é muito caro e às vezes nem por muito dinheiro é encontrado.

A lenha derrubada deixarei secar e depois será queimada; a que não queimar ficará para apodrecer. Logo depois da queimada, os restos serão retirados para determinar o lugar onde será construída a casa; em seguida é feita a plantação para assim logo obtermos nossos alimentos. Para a construção da casa, entretanto, precisarei de uma ajuda, pois sozinho não serei capaz disso, se bem que eu já ajudei um vizinho nesse tipo de construção. Por enquanto, e até que minha própria casa esteja pronta ficarei morando na casa desse vizinho, pois do contrário teria que retornar diariamente à cidade numa caminhada de uma hora e ficar numa das hospedarias, o que seria muito incômodo. Por enquanto existem duas dessas hospedarias em Blumenau. É um conjunto de construções de um andar que deverão ser ampliados futuramente em longos alojamentos. As casas daqui parecem-se com as casas comerciais alemãs e são feitas com troncos de palmeiras; eu entretanto, prefiro construir uma com material mais sólido. Os restantes 3 "morgens" de meu terreno, eu os deixarei intocados até obter razoável rendimento na primeira metade.

Na Colônia encontram-se muitas pessoas simpáticas e amáveis, o que é facilmente compreen-



Este é um dos três brasões das famílias Bürger, da Alemanha.

sível, porque freqüentemente um precisa da ajuda do outro. Assim, ajudei meu vizinho Busch durante 14 dias no desbravamento de sua mata, podendo contar com ele em caso de necessidade. Com a minha profissão de seleiro tenho já obtido algum ganho, pois a procura é razoável. Quando vou ao trabalho, ganho por dia 4 "Barak" (equivalente a 1 Thal.-2 Sgr.), e 3 refeições diárias com carne. Eu só lamento não ter me munido com mais couro e demais apetrechos necessários, pois, aqui isso é muito caro e difícil de se obter. Os brasileiros apreciam as coisas luxuosas. Aqueles que possuem um veículo que custou 1 conto de réis, equivalente a 1.000 mil réis, ostentam o cabo do chicote revestido de prata, no valor de 80 "Thaller"; esporas de prata

com correntes e roelas de prata na guarnição do tamanho de uma moeda de 2 "Thaler". É comum ver-se cavalos com as rédeas recolhidas com correntes e enfeites de prata que quase não se vê o couro.

Quanto ao centro de Blumenau, a cidade foi fundada há 4 anos pelo Sr. Dr. Blumenau e consiste na praça central e a Colônia, que já se expande por mais de uma hora de caminhada, com propriedades uma ao lado de outras. O local situa-se num bonito vale às margens do Ribeirão Garcia; como os primeiros colonos vieram há 4 anos, com financiamento, possuem agora louças e apetrechos caseiros no valor de 3-400 mil réis cada. A Colônia é muito pobre em dinheiro, porquanto a produção de gêneros alimentícios não cobre as necessidades dos colonos por enquanto, pois os que chegam precisam inicialmente desbravar as suas terras antes que possam semear e colher. A produção de feijão e de carne, principalmente, ainda não são suficientes, mas a situação logo vai melhorar, visto que já chegam a exportar algum açúcar e "Farin" (farinha-de-mandioca). Bananas, laranjas, melancias, pêras, abacaxis e mamões aqui não faltam; com essas frutas é preparado tudo o que é possível.

Aqui, a mim e a meus filhos, agrada bastante, e eles não anseiam em voltar a Görlitz; entretanto, para minha mulher, as condições locais ainda não agradam totalmente, pois tudo é diferente

da Alemanha. Todavia, sua simpatia para com a nova Pátria aumentará quando ela vier a administrar sua própria casa e saborear os frutos de nossa produção. Com as mulheres dos primeiros imigrantes foi exatamente assim que aconteceu.

O primeiro ano de minha permanência aqui será muito trabalhoso, mas espero em breve poder adquirir um cavalo e uma vaca, o que resulta para o agricultor consideráveis facilidades. Para a alimentação dos animais aqui não há problemas; eles são levados ao pasto e assim dão pouca preocupação; todavia a aquisição dos mesmos é cara; um cavalo, por exemplo, custa de 30 a 40 mil réis e uma vaca de 60 a 70 mil réis, mas sua aquisição compensa. De resto, nós temos aqui as mesmas espécies de animais como na Alemanha, além dos cachorros e gatos.

A cidade de Blumenau possui uma farmácia de propriedade do Dr. Blumenau. Além disso, existe um médico, dois comerciantes, um hoteleiro, um ferreiro, um serralheiro, um tanoeiro, dois carpinteiros, dois marceneiros, 2 mecânicos, um agrimensor, alguns alfaiates e sapateiros e um seleiro; estes últimos moram muito distantes uns dos outros. Também existe aqui um moinho, uma serraria e uma olaria, da qual nunca se obtém tijolos, apesar da premente necessidade.

Vindo para cá progressivamente, há pouco tempo, chegaram 4 navios com imigrantes, e um

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

Banespa

— Um dos colaboradores nas edições desta revista —

quinto está para chegar. Aqui há lugar não somente para milhares de pessoas, e sim para milhões! Aqueles que tomarem a decisão de seguir-nos, é aconselhável que venham os jovens e pessoas fortes, se os mais idosos não tiverem aqui parentes para se apoiarem. O último navio, trouxe novamente görlienses; a viúva Goerner e os dois irmãos Zündler, dos quais, o mais moço me surpreendeu ao aparecer no momento em que eu estava derrubando a última grande árvore na minha roça de 3 "Morgens".

Além das pessoas mencionadas, não se encontra mais ninguém de Görlitz aqui; dos Dids, Grahl, Konrad, Steinbach e dos Hoehne, não tive mais notícias; as coisas deles que trouxe comigo as conservarei provisoriamente até que possa encontrá-los.

Nossa alimentação é constituída basicamente de feijão preto e carne seca; de manhã temos café e à noite, chá. Tanto o café como o açúcar, são autênticos, ao contrário de nossa terra de origem onde estávamos acostumados a tomar "Chicorien" sob o nome de "Café". O feijão e a carne seca é revezado com arroz, milho ou ervilhas, que são cozidos com carne fresca quando apanho alguma caça. Como a bengala na Alemanha, a espingarda aqui é a fiel companheira para o que aparecer de caça de animais e aves; lamento não ter provido-me de mais pólvora e chumbo ao partir. As aves silvestres possuem uma plumagem esplêndida; são caçadas pombas-do-campo (rolas) e especialmente os "Schakatins" (jacutinga), uma espécie de perus selvagens. Macacos, lebres, veados e porcos selvagens, antas, esta últi-

ma muito gorda e do tamanho de um novillo, formam o quadro da fauna mais freqüente, que em grande parte é apanhada em armadilhas. Ao contrário de vocês, nós aqui agora temos verão, que não é tempo propício para a caça, por isso espero no próximo inverno fazer uma razoável reserva de caça para evitar a compra de carne. Os ofícios que aqui mais prosperam são: os que trabalham com madeira, como, carpinteiro, marceneiro e tanoeiro, os quais ganham muito bem; os ferreiros e os serralheiros. Um oleiro faz falta absoluta e sua ausência é grandemente sentida. Um competente mestre de olaria faria aqui sua fortuna, mas teria que trazer alguns auxiliares de confiança. A lenha para os fornos não custa nada; só em Itajaí encontram-se boas quantidades de tijolos. O milheiro de telhas custa 40 mil réis. O homem que o Dr. Blumenau colocou na olaria existente aqui (um mestre-pedreiro alemão), infelizmente não entende nada do negócio; ele queria colocar Lindner, quando soube que ele era oleiro, mas apesar do bom ordenado oferecido ele recusou a oferta. Também alguém que instalasse uma serraria seria muito bem apoiado pelo Dr. Blumenau. Atrás da propriedade dos Lindners existe 400 "Morgens" de árvores da mais bela madeira e também uma excelente usina hidrelétrica; a quem instalasse a serraria, seria dado o direito de retirar a madeira do vizinho, que em compensação, receberia a 12.^a tábuca da produção. Gostaria que os mestres-marceneiros do "Magazine de Móveis dos Mestres-Marceneiros Unidos" de Görlitz, viessem aqui em visita e levassem de

volta à Europa uma carga das mais belas e resistentes madeiras como "souvenir", escolhidas entre as cerca de 300 espécies existentes em minha propriedade.

A falta de um sapateiro deve ser grande em Santa Catarina (Desterro); no nosso desembarque ali, fomos assediados por pessoas perguntando se não encontravam sapateiros entre nós que quisessem ficar por lá como oficiais-sapateiros ou recomendar que viessem da Alemanha, oferecendo pagamento adiantado. Conforme fiquei sabendo, lá um patricio nosso ganha 2 mil réis para confeccionar um par de sapatos femininos leves.

A todo aquele que planejar vir para cá futuramente, aconselho a prover-se de um terno quente para a viagem de navio, mesmo que não seja elegante e do mais recente corte. Além disso, recomendo que os utensílios a serem usados no navio sejam feitos com folhas de metal bem resistentes. São necessários: uma caneca que comporte um quarto; frigideira e panelas para cozinhar; um recipiente para água potável, vasilhas para açúcar e manteiga e vaso noturno com tampa. Além desses objetos, trazer: faca, garfo e colher, e alguns frascos de vidro para vinagre, azeite, etc; e aos que os recursos permitirem, comprem em Hamburgo algumas garrafas de bom vinho e também açúcar. Quem apreciar frutas, como ameixas, pêras e maçãs, devem adquiri-las antes de embarcar, bem como cerca de 15 "Sgr." de pão cortado em fatias de um palmo que poderão ser tostadas posteriormente. Os homens, prioritariamente, deverão trazer uma espingarda de cano duplo e suficiente munição.

A todos aqueles que planejam vir para nossa Colônia, recomendo confiantemente o Sr. Wilhelm Hühn em Hamburgo, e o Sr. Fröbel em Rudolfstadt.

A todos amigos na Pátria, saudações cordiais minhas e de minha família.

ass: Alexander Bürger
Seleiro e Agricultor."

Com esse missivista teve origem a numerosa família Bürger de Blumenau. Foram seus filhos: Ernst Friederich Julius, nascido em Görlitz (Alemanha) aos 12 de maio de 1852, que casou-se em Blumenau com Auguste Louise Rueckert em 13 de março de 1880, sendo oficiante o Pastor Sandrezcki. Heinrich Reinhold, nascido em Blumenau aos 5 de abril de 1858, agricultor, estabelecido em Itoupava-Rega, que casou-se em 22 de setembro de 1882 com Alvine Caroline Bertha Klemz, sendo oficiante o Pastor Sandrezcki. Gustaf Adolf, nascido em Blumenau aos 14 de janeiro de 1860, seleiro, estabelecido em Timbó, que casou-se aos 22 de janeiro de 1887 com Bertha Stahnke em casa da viúva Sra. Lueders, em Indaial, sendo o oficiante o referido Pastor Sandrezcki. Hermann, nascido em Blumenau, aos 22 de fevereiro de 1867, agricultor, estabelecido no bairro Garcia. Foi casado com Maria Schmidt. Emme Maria Louise, nascida em Blumenau aos 11 de julho de 1864, cujos padrinhos foram Gottfried Benz, Christian Kurr e Heinrich Gembkow.

Na relação de moradores na Colônia, em 1872, Alexander Bürger consta como morador da margem direita do ribeirão Garcia, e sua família constava de 9 pessoas: os filhos tinham subido a sete. Veio a falecer em Blumenau em

10 de janeiro de 1900 com a idade de 83 anos, deixando sua marca de dedicação e amor à nova terra.

O ribeirão Garcia tem suas nascentes no morro Spitzkopf, ao pé do qual, em 1870, procurou-se ouro e prata. Anteriormente, em 1850, como já mencionamos, o Dr. Blumenau adquiriu uma faixa de terra junto ao Rio Itajaí e ao Arroio da Velha. Recebeu então do Governo Provincial uma área para o assentamento de uma Colônia de alemães, com autorização do Imperador D. Pedro II, com o total de 10 léguas quadradas, ou seja, 350.000 "morgens". Com a chegada dos primeiros imigrantes pioneiros teve início o processo de colonização e divisão da área. Foram muitas as dificuldades de toda a ordem em vista do primitivismo da região, a necessária aclimação às condições e climas locais, percalços que foram paulatinamente vencidos através do tempo com obstinação, fibra e coragem. O fascínio da nova terra virgem, a mata povoada de palmeiras, os dias ensolarados e as noites de luar com o céu polvilhado de miríades de estrelas, fez com que fossem relegadas a segundo plano as agruras da jornada.

Hermann, um dos filhos de Alexander Bürger, casou-se cerca de um século com Maria Schmidt, nascida em Blumenau, filha de Jacob Schmidt e Dorothea Schmidt. Jacob Schmidt nasceu na Alemanha em 1850, tendo vindo para Blumenau ainda meni-

no, aos 15 anos de idade, vindo a falecer em 1921. Exerceu diversas atividades na cidade; teve carruagens de aluguel para transporte de passageiros do centro para a estação ferroviária e aos bairros; teve ainda uma serraria, conforme se verifica no seguinte registro: "Blumenauer-Zeitung" — Ano 6, N.º 16 — Sábado, 17 de abril de 1886 — "Lokalnachrichten" (Notícias locais). "Novamente bugres foram vistos e no mesmo local onde pouco tempo atrás mataram o colono Spring que estava derrubando uma árvore. Aconteceu o fato nas margens do Garcia onde se encontram duas serrarias isoladas: a do Sr. Wilhelm Schreiber e a do Sr. Jacob Schmidt. Nos fundos destas serrarias existe uma floresta virgem; foram descobertas picadas e habitações dos bugres. Os moradores têm certeza que foram os mesmos que atacaram os colonos; as serrarias estão paradas e os homens se negam a entrar na floresta, pois nada podem fazer."

O casal, Hermann e Maria Bürger, estabeleceu-se em aprazível gleba aos pés dos morros do bairro Garcia, dos quais descia borbulhante regato que desaguava no vizinho ribeirão do mesmo nome. Dedicaram-se à plantação de aipim, cana-de-açúcar, ananás, árvores frutíferas e outras culturas, além da criação de gado leiteiro, cavalos e aves domésticas. Tiveram 16 filhos: 10 homens e 6 mulheres, conforme a seguinte relação: Thereza, nascida em 10 de

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

janeiro de 1889 e que foi casada com Oswaldo Schreiber; Oskar, nascido em 8 de julho de 1890; Olga, nascida em 23 de agosto de 1891, que fez sua primeira comunhão em 10 de abril de 1904 na "Pfarkirche" de Blumenau com o Padre Kampmann. Foi casada com Ernesto Nesti e viveu em São Paulo onde deixou filhos, netos e bisnetos; Erwin, nascido em 9 de fevereiro de 1894; Gustav, nascido em 9 de maio de 1895; Maria, nascida em 27 de setembro de 1896; Leopold, nascido em 9 de novembro de 1897; Arthur, nascido em 19 de outubro de 1899, que viveu no Rio de Janeiro, onde deixou filhos e netos; Oswald, nascido em 17 de março de 1901; Walter, nascido em 25 de dezembro de 1902; Rudolf, nascido em 2 de maio de 1904; Irma, nascida em 4 de outubro de 1905, que vive no Rio de Janeiro, onde tem filhas e netos; Martha, nascida em 23 de março de 1907; João, nascido em 4 de agosto de 1908 e recentemente falecido. Foi casado com Carolina Wilhelmina Emma Westphal, cuja cerimônia realizou-se em Blumenau aos 14 de julho de 1937; Wally, nascida em 15 de janeiro de 1910 e que casou-se em Blumenau em dezembro de 1927.

Hermann Bürger veio a falecer em Blumenau em 1912, após uma profícua vida dedicada ao trabalho e à família. Sua dedicada esposa, Maria, faleceu também em Blumenau no ano de 1935. Toda sua numerosa descendência foi orientada no sentido cristão

do trabalho e da vida familiar, tanto em Blumenau como em outras cidades do Brasil onde passaram a viver. Do tronco Bürger houve outros ramos ao qual pertenceu o Pastor Bürger e o casal Michael e Engelbert, de "West Prüssen", que casaram-se em Blumenau em 16 de janeiro de 1893. Em Pomerode, antes da década de 1920, estava estabelecido Arthur Bürger com indústria de charutos.

No vale do ribeirão Garcia, onde viveu o casal Hermann e Maria Bürger, residiu também o naturalista Dr. Fritz Müller que partiu da Alemanha em 19 de maio de 1852, do porto de Hamburgo com a esposa e a filha de um ano de idade. Chegando a Blumenau, estabeleceu-se no bairro Garcia, abrindo uma roça e construindo uma cabana com troncos de palmeiras, onde viveu por 4 anos. Mais tarde referiu-se a essa fase de sua vida como a mais feliz de sua existência.

Assim concluímos este breve relato elaborado em homenagem aos nossos ancestrais que muito deram de si para o desenvolvimento de Blumenau e do Brasil, esperando que alguém mais capacitado o amplie em extensão e profundidade com maiores conhecimentos, dados e fatos pertinentes aos bravos pioneiros e trabalhadores que fizeram de Blumenau a maravilha que ela representa no cenário nacional.

Orestes Nesti

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense